



www.globonews.com - Ache esta matéria em:
<http://globonews.globo.com/GloboNews/article/0,6993,A232987-10,00.html>

19/02/2002 - 22h35m

Crise do setor ainda não terminou, dizem especialistas, que não afastam risco de novo racionamento

RIO e SÃO PAULO - O fim do racionamento não significa que a crise do setor energético está resolvida. Na opinião de analistas, ainda não está afastado o risco de se repetir a experiência no ano que vem. Nelson Pedrozo, coordenador do Centro de Gestão de Energia do Ibmec, afirma que, se não se resolver a "favela regulatória" do setor, os investimentos em energia não serão suficientes para atender à demanda:

— O investidor precisa ter clareza e segurança sobre as regras do mercado, e o governo de que a oferta de energia contratada está garantida.

Na mesma direção vai a análise de Ildo Sauer, professor da área de Pós-Graduação em Energia da USP. Segundo ele, apesar do aumento de tarifas, o país ainda não se livrou por completo do risco de contenção de energia. Os níveis atuais dos reservatórios (entre 54% e 56% de sua capacidade) seriam suficientes para o abastecimento previsto este ano. Mas o Brasil deve chegar a 2003 de novo com estoques baixos e dependendo exclusivamente das chuvas:

— Estamos pagando mais caro pela energia e não resolvemos o problema estrutural do país. Ao contrário, 2003 continua sendo uma incógnita.

O coordenador do Programa de Planejamento Energético da Coppe/UFRJ, Maurício Tolmasquim, destaca que o uso das térmicas emergenciais custará muito caro para os consumidores. O custo estimado é de R\$ 4 bilhões até R\$ 16 bilhões até o ano de 2004.

Para Sauer, faltam investimentos em linhas de transmissão e na compra de turbinas de hidrelétricas. Isso faz o país desperdiçar hoje parte da água acumulada durante o racionamento. Na semana passada, por seus cálculos, o desperdício equivaleu à geração de 3.000 megawatts, o suficiente para suprir o consumo instantâneo do Rio.

O coordenador do MBA de Negócios de Energia Elétrica da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Carlos Pinheiro Neto, afirma que o consumo menor e a expansão da oferta vão aliviar os reservatórios e evitar novos racionamentos.

Ramona Ordoñez, Cássia Almeida e Aguinaldo Novo, do jornal O Globo

© 2002 Globo.com. Todos os direitos reservados